

tado. Funcionamos num mundo, escreve Melman, em que nada é impossível.

O livro consiste em cinco partes principais: um texto de Charles Melman sobre as novas formas clínicas, que respeita a uma sua comunicação em Curitiba, no Brasil; um debate que teve lugar em Paris com Pierre Beckouche e Marcel Gauchet; um diálogo entre Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun; e dois textos de Melman sobre o matriarcado. A oportunidade das considerações relevadas é considerável e torna altamente recomendável a sua leitura, sobretudo para aqueles de entre nós que se preocupam com o papel da psicanálise não só na clínica, mas também na sociedade. Como pergunta Melman no início, seremos nós capazes de aceitar o desafio de interrogar um real que deixa pouco espaço para a reflexão e para a dúvida, submersos que estamos numa mutação cultural que nos oferece o gozo imediato e anula o acesso ao simbólico?

Clara Pracana

Instituto Superior Miguel Torga

Carlos Amaral Dias. 2009. *Carne e Lugar*. Coimbra: Almedina. 134pp. ISBN: 9789724037622.

A primeira afirmação que nos resulta é, desde já, sustentar que estamos perante um livro inquietante. Um livro que se interroga e nos interroga. Que nos perturba, porque nos remete para esse território de Pensar, aquele pensar, como disse Simmel, que faz doer. Mas que dessa dor se abre à claridade das grandes descobertas, nos cura, como diz Nadir Afonso, como os que descobrem a arte. Cura-nos ou redime-nos, e situo fora da aquiescência cristã, porque nos liberta das trevas ignoras a que nos condenam a ignorância e sobremaneira o não quereremos ser interrogantes.

Com este livro passei horas na devoção degustada e, como tal, lenta, na degustação, dizia, da linguagem, essa eterna cúmplice, embora uma outra, especializada com certeza, fluida por felicidade nossa, rigorosa pela proveniência; passei horas nessa lenta degustação e conseqüente ensaio de metabolização da palavra, ia dizer, aqui notavelmente edificada, para a reconstrução do meu próprio edifício de Pensar.

Digo isto, é óbvio, com tanto orgulho quanto dimensionável terror. Gerir afetos e confluir epistemas não é tarefa que tranquilize o historiador das ideias, que aqui declina identidade, para falar de um livro nascido de oralidades, transcrito e assinado por uma pessoa que amo. Num indizível e superior sentido de pertença, que nos corresponsabiliza.

Inicia-se a singularidade deste precioso objeto de pensamento e revelação por um Prefácio que afixa esta pertinente advertência; ‘o leitor que se precavenha, porque o autor está aqui para mexer com ele e não tem medo’. Que não tem medo, ressaltará no que vou tentar dizer. Que mexe connosco, parece-me que já mais acima anunciei, mesmo que um tanto vagamente, na advertência que enunciei para a convocação do Pensamento.

O que primeiro é trazido à Ágora da discussão iluminante é a maneira como o autor se apresenta, se torna presente, representa. Para além de traços de personalidade tão revelados já em públicas intervenções, a lúcida assumptione da transitoriedade das respostas a quanto interroga no degolar das próprias interrogações.

‘É de homem’, diz José de Sousa e Brito, que assina o Prefácio. É mesmo. Por se saber ‘mais e menos do que isso’, ou seja, a reticente relação com o próprio mito seu originário, para além do Bio-Lógico, assim, separado em dois sintagmas fundamentais, Vida e Conhecimento, significantes para uma pluralidade de significados. Lá chegaremos, se não nos faltar pelo caminho respiração condigna.

Assim, sem perda de mais tempo, alerta para a necessidade de uma cuidada leitura do Prefácio, como para a compulsiva Introdução (im)possível que Amaral Dias nos convoca.

Ah, claro, estou a falar de Amaral Dias, que conheço de antes de nascer, reconheço nos primeiros colos, repenso nos embalos, sustento em mim nesta arte difícil de amar nas grandezas como nas fragilidades que emergem, às vezes, e é nestas que mais me atento, por causa do tal amor que comecei por enunciar. Trata-se do meu, reparem bem, do meu, Carlos. O que nem me tolhe o Verbo nem tetaniza a pensabilidade. Repito, responsabiliza e em tal me convenho.

Ora nessa tal quase im-possível Introdução, Carlos Amaral Dias discute o momento crucial da psicanálise contemporânea e chama a atenção para a relação com as neurociências, enfatizando o trabalho de António Damásio, que longe de exorcizar a psicanálise fundamenta experimentalmente o reconhecimento das emoções, e se bem aprendi, é esse o território de quem analisa, pela via da interioridade da palavra, a de quem fala em quem ouve, e a de quem ouve como devolve, seja reinterpretando, seja na linguagem hipostasiada dos silêncios.

Quero com isto dizer, se me chega a língua, que essa introdução, que revê conceitos e reifica a dúvida numa dinâmica transcartesiana, sustenta a conceptualização psicanalítica fora de dogmáticas e deificações, mas a um tempo sem temores reverenciais de mundo perdido, ou seja, conflui na solidária axiomática de Heidegger, 'O que mais devemos pensar no nosso tempo, e que dá que pensar, é que ainda não pensamos', prenúncio que Freud consolidou, como pôde, no seu tempo, confrontando clínica, cultura e sociedades, e que Amaral Dias alerta como imperativo categórico em relação ao mesmo paradigma numa paradigmização atual.

Reiteradamente, confronta a predes- tinação genómica com a ancestralidade

genésica, digo eu aqui, do Génesis, para evitar a medievalização de uma nova pre- figuração da humana condição, o salto que vai do pensar que o nosso destino estava nos astros ao pensar-se que está nos genes. Casar Prometeu com Frankenstein são tentações da vulgata jornalística, trazendo, para a ribalta do novo determinis- mo, fantasmas de estratégias genéticas, como se o afeto e a presença da Mãe absoluta não estivessem no caminho para proteger do desamparo.

Por isso, Amaral Dias adverte para os três pecados mortais de um dos 'pais' do projeto de genoma humano, Gilbert, quando afirma ser '*O Graal da genética humana, a resposta final do mandamento, conhece-te a ti mesmo*'. E esses mortais pe- cados são, como diz o nosso autor, a ingenuidade e naturalismo epistemológico, a filosofia grega e a mitologia cristã amal- gamadas, e também a ignara replicação da questão délfica, onde o 'conhece-te a ti mesmo' só por paradoxo oraculizava.

E repare-se nesta interrogação de Amaral Dias: 'se a descoberta do Genoma Humano fosse o lugar do nosso autoco- nhhecimento, onde encontrar para o ho- mem a liberdade de escolha? Se, tal como Sartre, pensamos estar condenados à liberdade, que liberdade e comportamen- tos, escolhas do 'conhece-te a ti mesmo', nos resta, face ao Graal da genética?'

Pela análise das posições da Igreja de Roma e dos textos, que eu digo, ditos Sa- grados, Amaral Dias denuncia sintonias deterministas e adverte para a dimensão do cultural até ao imperativo ético que aponta a sobrevivência pela internalização do controlo face às tragédias que assolam o mundo, pela mão do homem. Pergunta para responder com a realidade fenotípi- ca, apontando ou aprontando a possibili- dade de concluir que 'os genes e a genéti- ca, sendo um locus fundamental da vida humana, não é o humano em si mesmo'.

E porque assim é, se deverá comba- ter a possibilidade da tentação eugénica, como tão lucidamente explica e nos orga-

niza para o discernimento de uma realidade que tende a ignorar, nos limites de uma outra forma de materialismo, o que paira muito para além da diatónica euforizante da formatação genética.

Não é fácil em tempo útil, que não desgaste quem nos leia, passar por todo o pensamento e questões que este livro, regularizador ou religante compaginação de conferências proferidas em anos por vezes distantes, mas onde paira uma unidade de sentido que faz do livro, creio eu, a partir de agora, um referente para quem se interessa pela condição humana. Ortodoxo na fundamentação heurística, logo se resolve em heterodoxia hermenêutica, pela capacidade de trabalhar a palavra e a dirigir com rara mestria enquanto lugar onde o pensamento se define e concretiza, como exemplarmente ocorre no capítulo *O verbo e a carne*.

Partindo da cultura judaica e do seu imanente dito judaico-cristão, aborda a relação entre Carne e Verbo, na dimensão substantiva absoluta, pelo viés da radicalidade do inominado a que vulgarmente se chama Deus, ao anunciar que o verbo se fez carne. Para que não haja dúvidas, fala de Carne Humana onde se pode gerar o mito edénico e significar o fruto do conhecimento como fonte de condenação. Trata-se de uma análise fascinante do simbólico, reputando em Eva a tentativa de, mais que desrespeitar a ordem e comer da árvore interdita, mais do que a beleza, saber a importância de alcançar a inteligência, ou seja, rivalizar com a divindade.

A interseção que faz com o mito de Édipo e a desconstrução das palavras, a partir do encontro da esfinge e a predição de Tirésias, resolvendo mistérios e salvando a Polis como salva o Homem, onde se instala o desejo, o parricida e o incestuoso, radica o Homem simbólico, num cruzamento de mitos e lugares onde a cegueira e a expulsão resolvem, finalmente, os fundamentos da comunicação pela palavra e remetem para o que Bion

designou de protomental, ou seja, anterior à mentalização propriamente dita e, na sua paramentação no tempo, todo o salvatério da espécie.

Sabermos quem somos é sabermos apenas uma parte, onde não cabe a reposição global, daí a dualidade explicada neste fabuloso texto entre o ser opaco e falante, falante e opaco, na eterna pergunta, quem sou eu? Daí os capítulos dirigidos à discussão da res psicanalítica, que os especialistas degustarão, julgo eu, com especial gula, e acrescentarei, que lhes aproveite neste lauto ágape que o livro propõe.

Estão dados aqui, com o tal terror de que falei no início, alguns passos de apresentação deste livro, todo ele Carne e Lugar, farol de fidelização a um percurso onde a inteligência impera e a arte da palavra são raízes de um percurso, aqui tantas vezes percurso, que a matriz psicanalítica transcorre por outras 'realidades'; seja a filosofia, a filosofia da ciência, a epistemologia e a epistemogonia que resumam em cada tentativa semiológica e semiogónica das explicações da vida neste sempre Tempo ou, como eu prefiro, nesta Duração, de Kronos a Kairon, uma obra que, como se acentua na contracapa, conduz o leitor para lugares pouco explorados da mente individual e coletiva.

Compreenderão os leitores que afastei qualquer preocupação de seguir o livro capítulo a capítulo, porque o meu esforço interpretativo trespassa-me no território das ideias. Porque falo de território, detenho-me na explicação do nosso Autor sobre a territorialidade desocupada de que fala Popper no domínio epistemológico, que, ao reverter para a psicanálise como saber constituído, lapidarmente aceita, desde que 'ela seja também (um também que sublinha), um saber a constituir', não se furtando a precisar, cito, 'A ilusão de que uma forma de saber se queira tornar definidora do enquadramento do trabalho clínico só pode ser discutida – e aqui percuta a leitura pela intensificação do registo textual, digo eu – na terra de ninguém que

fica entre o objetivo e o subjetivo’.

Formalizada, como explica, no exemplo representativo pelos ícones de feminino e masculino, o círculo com a cruz subjacente acoplada do feminino e o círculo com o vetor ou seta sobrepujada em desvio para a direita no masculino, pelo que sustenta a ‘hermenêutica de suspeita’ apontada por Ricouer ou aquilo a que Bion apelidou de paciência e segurança; ou seja, confere-nos, ‘Paciência, como condição de tolerância à dispersão (Ps) e segurança como garantia do encontro (D), e eis a explicação da forma peculiar de trabalho psíquico’, trabalho de Príncipes, creio ter dito ele algures, que se constitui a relação psicanalítica.

Mas onde me fascina este texto de interseção que é o livro em apreço é o capítulo sobre a Polis e a sua relação com a pós-modernidade. Trata-se de um édito que reputo de fundamental para a definição e demarcação conceptual, ou do uso da palavra como Humpty Dumpty faz com Alice no muro instável e vertiginoso, referenciado, já perceberam, a essa obra primordial de Lewis Carrol *Alice do Outro Lado do Espelho*. E aqui, numa série de apotegmas, mais concretamente vinte e um, Amaral Dias, o filósofo, esclarece, discute, contrapõe, enfrenta, confronta, defronta, esta coisa essencial do referido diálogo entre as personagens de Carrol, se as palavras, como quer Alice, valem pela demanda da polissemia do sentido ou pela posição de mando, como quer Dumpty, ou seja, a relação entre o poder e a apreciação da linguagem. Daqui poder alertar-nos em apontamento, além das novas Polis (A Telepólis a Cosmopólis ou a Tecnopólis) para a interseção entre o narcisismo emergente e a Ágora possível, onde se explicam e presenciam a globalização das culturas e também do próprio espaço e tempo.

A claridade sobre o moderno e o chamado pós-moderno, este emergente a partir da Segunda Guerra Mundial, e a conflitualidade resultante da transformação topológica, o *topoi* transformado enquan-

to relação libidinal com a pulsão escópica (sintagma que confere a pulsão do olhar, em busca da reificação), Carlos Amaral Dias sintetiza na afirmação de tratar-se da ‘inversão da transformação do imaginário em simbólico, pela deglutição daquele – i.e. o imaginário, pelo real.’

Discutir a pauperização do simbólico é a tarefa cardinal a que se propõe, numa sustentabilidade de matriz filosófica que é hoje de extrema singularidade, o contexto da ciência e sua relação com a cultura, e essa matriz atravessa todo o livro independentemente da perfusão de filosofemas que inocula no discurso e nos convoca a apetecer. O urbano aparece aqui como espaço da ordem do simbólico e tudo o que implica a relação do sujeito com o outro em aproximação/distância.

Cheguemos aos conceitos de morrente substituto do conceito de vivente para reflexão sobre o martírio e a sua expressão narcísica. Dispensamo-nos de genoflexões crísticas como de reflexões sobre o terrorismo glorificado, a voluptuosidade na dor. Sustentada na Logicidade racional, Amaral Dias explica em passos corajosos, aqui é mesmo preciso o adjetivo, a interioridade do pathos, ou seja, a viagem ao interior do Ser e a sua explanação masoquista. A ideia freudiana da ‘saída para fora’ da pulsão de morte significa, como nos explica, que há algo que fica dentro e a sua articulação com a vontade de poder e sua confluência no amor e todas as óbvias relações, mãe/bebé e masculino/feminino. Há sempre alguém que tem mais poder em alguma coisa, que na relação homem/mulher marca, de um lado e de outro a relação.

Vale a pena transcrever, para evitar leituras superficiais. Carlos Amaral Dias ensina: ‘Não estou a afirmar que a relação de poder seja do masculino sobre o feminino, ou do feminino sobre o masculino. Penso que, mesmo nas relações mais equilibradas, o eu tem de aceitar um certificado de que ‘te atribuo um determinado poder na relação, para que a minha relação contigo sobreviva e tu atribuis-me um determinado

poder para que a relação comigo sobreviva’.

No limite, explica, ‘a apropriação narcísica do objeto, a que chamo ‘cadaverização do outro’ – a tua morte é a minha vida --, esta cadaverização do objeto é o que muitas pessoas chamam amor’.

Este poderoso capítulo espelhado ou metaforizado, enfim, no contrato de Masoch que conhecerão da novelística de Sacher-Masoch, o austríaco oitocentista que trata da contratualização amorosa, por escrito, e com duração marcada, numa dupla relação, a da amante e da mulher, para a explanação do sofrimento como sedimento sustentador da paixão. Ou, como intensifica Carlos Amaral Dias, ‘O explícito no contrato de Masoch é o implícito na relação amorosa, ou seja, por aqui, relações de poder que se estabelecem entre dois humanos’, e que explica, qualquer que seja a dialética relacional, a relação de poder a certificar como um não pode passar sem o outro.

Como também a significação do amor nas dobras de fora ou de dentro e a expressão fusional com o ser amado, que paira fora das racionalidades para sermos em carne e osso para a possibilidade da ‘bolha narcísica originária com o objeto, através da vida’, significante da paixão que vem do ato de sofrer, a quem interessa a realização da *sygkrasis* (fusão dos seres dos gregos), ‘a realização do gozo orgástico, do prazer como alívio das tensões, remetendo à ordem nirvânica, a pulsão de morte’ que em Eugénio de Andrade é ‘*passar contigo, na parte mais secreta do teu corpo*’ e em Herberto Helder, *uma mulher com quem beber e morrer*, ou onde existe sempre *uma morte silenciosa*.

Faltaria agora alertar para os textos ‘terrorismo e multiculturalidade’ ‘psicanálise e mudança catastrófica’; no primeiro, a análise da violência pelas marcas das diferenças, religiosas e outras, e sua fundamentação psicogénica; no outro, o trabalho psicanalítico, porque não há mudança sem dor.

Que o livro, garanto a quem me segue, seja mais psi menos psi, não é pera doce, passe o plebeísmo cultural. Obriga-nos a um incessante trabalho de maturação da nossa própria linguagem, convoca-nos para o desgaste disfórico do fundo sentir do cutelo epistémico, quero dizer, não nos dá um segundo de descanso, se não queremos ficar pela espuma das coisas. Em verdade vos digo que o trabalho vale a pena. Em verdade vos digo que nos reganhemos na sua leitura. Bem aventurados os que ascendem a este compromisso, porque ganham necessariamente o reino das possíveis claridades.

Remeto para uma leitura demorada de todos os textos deste livro que podem abordar pelos clarins do índice; independentes quanto comprometidos, todos eles em si-mesmos fundamentais articulando-se no pensamento do autor.

Obriga-nos o autor; obrigam-nos os textos que deixaram de ser seus, porque trazidos à *Ágora*; obriga-nos a necessidade de compreendermos o que somos e a nossa relação com o outro e com o mundo; obriga-nos a inacessibilidade imediata que desafia a nossa inteligência para a integração mediata, ou se preferirem, digo de outra maneira, é um livro que nos garante, tanto quanto questiona, as nossas seguranças. Textos fundamentais, julgo já ter dito. Texto Farol, referente guia para o naufrágio sempre nos horizontes do pensável ou encalhar nos baixios da razão oculta ou ocultada pelo tempo ou pela duração.

Carlos Amaral Dias não é só o psiquiatra e o psicanalista, é um Pensador por quem têm esperado muitos pensamentos, de que este livro, penso e que não me castiguem pela paixão, é um registo perdurável e um fruto apetecido.

Com todas as penas a que sejamos condenados por partilharmos da sua inteligência.

José Henrique Dias
Instituto Superior Miguel Torga